Ano 31.º — Sábado, 6 de Agosto de 1938 — N.º 1537

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Relações luso-brasileiras

O estreitamento das relações comerciais com o Brasil foi sempre a em todos os tempos, uma das preocupações de todos os Governos.

No tempo da monarquia uma das razões da visita de el-rei D. Carlos ao Brasil, era precisamente a um maior estreitamento das relações comerciais entre as duas nações irmãs. O regicídio evitou que êsse acto político se consumasse.

Mais tarde, já em plena Rèpública, quando o presidente António José de Almeida visitou o Brasil, procurou, também, estreitar as relações comerciais. Mas as circunstâncias de completa desordem, permanente anarquia em que, então, vivia Portugal não permitiram que alguma coisa de útil se fizesse em favor do nosso País.

Nós eramos uma nação que, pelo seu desgoverno e desregramento, não merecia a atenção de quem quer que fôsse. Dêste modo os esforços de António José de Almeida, que há que assinalar, fôram de todo e completamente perdidos. Nada se conseguiu. Nada de útil se fêz.

E o Estado Novo, ao tomar conta do Poder encontrou no pior estado possível as nossas relações com o Brasil.

Grande e magnífico mercado onde os nossos productos poderiam ter uma expansão que jàmais tiveram, o Brasil, pouco ou nada pesava na nossa balança comercial, na nossa exportação.

Foi o embaixador de Portugal enviado ao Brasil pelo Estado Novo, o sr. dr. Martinho Nobre de Melo que em 1933 conseguiu a assinatura do primeiro acordo de Comércio entre os dois países. Todavia, ainda não era tudo. Ficava-se muito longe daquilo que se podia obter, daquilo que era lícito que fosse as relações entre dois povos de passado comum, de identidade da lingua, de fortes afinidades de raça. Mas «a concorrência de outros países, deficiências de técnica comercial na nossa exportação, falta de adaptação da produção nacional às novas condições daquele importante mercado consumidor, têm feito declinar o comércio luso-brasileiro. Por outro lado, há nos regimes aduaneiros anomalias e divergências que o dificultam e ainda problemas a esclarecer derivados da interferência de interêsses comerciais brasileiros como os do nosso Império Colonial, também produziram um afastamento comercial que urgia remediar.

Foi para isso, para que Portugal e Brasil se entendam no campo comercial, a bem das conveniências de ambos, que o Govêrno resolveu mandar agora à Pátria-irmã uma missão comercial cujos resultados estamos seguros e certos, serão os melhores para ambos os países.

S. P.

Dr. José de Matos

Do penúltimo número da *Aurora do Lima*, presado colega de Viana do Castelo:

O Democrata, do dia 16, presta sentida homenagem ao Dr. José António de Matos.

O artigo de Pompeu Alvarenga é uma resenha das visitas que Viana fez a Aveiro e Aveiro a Viana. Nele se recordam as recepções fidalgas que os Aveirenses fizeram aos Vianenses e êstes aos Aveirenses. E cita datas: 1908, 1910, 1931, 1936 e 1937.

E' um belo artigo—digno do seu autor e da memória do extinto—e um magnífico número em que Arnaldo Ribeiro se refere aos últimos momentos do Dr. José António de Matos e à imponência do funeral.

Efemérides

6 de Agosto

1879—A Assembleia Nacional decreta a confiscação de todos os bens do clero.

1908—E' recebida a notícia de se ter incendiado, depois de partir as amarras, o dirigivel *Zeppelin*.

Aquêle cartaz...

Só agora é que começam a aparecer as críticas ao cartaz reclamativo das festas da Rainha Santa, em Coimbra, e que era uma autentica porcaria, como toda a gente viu.

Tarde piaste!

Essa vergonha nunca devia ter sido aceite, quanto mais consentirem que se espalhasse.

E' que não honrou nem o artista nem a cidade.

Arnaldo Ribeiro

Deve àmanhã ausentar-se de Aveiro por espaço de quinze dias o director dêste jornal.

Venha água!

Senhor presidente da Câmara, sr. dr. Lourenço Peixinho: o *mestre* tem sêde; o *mestre* quere água! O *mestre* está aflito! Acuda ao *mestre*! Lembre-se, sr. dr. Lourenço Peixinho, que não há o direito de estarmos rodeados de água por todos os lados e o *mestre* sem ela. Tudo, menos isso. Olhe que na sêca de bacalhau da Empreza de Pesca de Aveiro o sr. Egas Salgueiro encontrou-a a 15 metros de fundo, abundante e bôa! E mais não é engenheiro...

Depois, até na Ria, por debaixo da água salgada, a há!

Não consuma o *mestre*, sr. doutor! Mande vir a água. Da Quinta do Picado? Do Vale de Ilhavo? Das Quintans? Do Vouga? Da Porcalhota? De Mataduços? Do Inferno? Que importa? Deixe-se dos *murinhos* no Parque e mande vir a água, êsse apetecido líquido que o *mestre* não dispensa e tão apreciado é no tempo das canículas...

Já que não cái uma chuvada, um pé d'água forte para refrescar o toutiço do *mestre*!...

Os jornalistas Vianenses em Aveiro

Impressões de uma jornada memorável

Viana e Aveiro sempre unidas

Segue a anunciada crónica do *Notícias de Viana* sôbre o inolvidável encontro jornalístico do dia 17 de Julho findo:

Completam-se hoje oito dias...

O comodismo que as canseiras e preocupações cotidianas nos reservam para as manhãs de domingo, teve, naquele dia, um agradável castigo. Muito cêdo, quando os galos ainda ensaiavam as harmonias do poético despertar, começou a faina domingueira que abre pelo fastidioso prólogo de uma perfeita e cautelosa rapadela de queixos.

—Vamos a Aveiro!

Um temor incoercível nos assalta. O coração parece vacilar no latejo normal e o cérebro submete-se ante nova preocupação.

Como estará o dia?

A janela que enquadra o Lima escancara-se. E a manhã surge em todo o seu explendor, ainda muito ténue a luz que dentro em horas será vida.

Uma orla esfumada que borda o horizonte de um fantástico côr de rosa desmaiado, desde a beira-mar serêna aos confins respeitáveis da Serra d'Arga, consola-nos com a promessa formal de que o dia será lindo e a jornada inolvidável.

Chega o momento da partida num *até à vista* alegre que a obsessão de horas seguidas completa: — «Até à vista. Vamos a Aveiro!»

Vamos deixar Viana para ir em demanda de outra terra onde sempre costumamos receber afagos e mimos tão generosa e cordialmente que começamos por esquecer isto e aquilo que para traz ficaram. E cogitamos, embevecidos por estranha ideia, se o Letes não teria sido antes o Vouga...

O *Fiat* lá foi rodando. Na regularidade da propulsão do seu motor parecia haver certa vanglória, como se a meia dúzia de escrevinhadores que transportava levasse a representação solene da Cidade. E daí, talvez levasse... Porque, na véspera, com a troca de bons desejos de viagem feliz, não faltaram as recomendações insistentes, os abraços íntimos. «Se vires F... recomenda-me muito. E ao C... dá-lhe um abraço bem apertado...» E assim, o Dr. João da Rocha, o Manuel Couto Viana, o Severino Costa, o Bernardo Silva, o Alexandre Gigante e êste humílimo cronista viram-se forçados a ombrear com a responsabilidade de uma representação tácita de todos os vianenses. A incumbência era tanto mais séria quanto é certo que se concentrára em seis criaturas, apenas, o espírito de Viana inteira. Que outrem julgue a fidelidade do seu desempenho.

O carro deixa a cidade sob o império morfético. De cima da ponte, um acêno breve a uma que outra janela desperta. A nossos pés, o rio lá vai cheio de sorna estrangular-se na saída para o mar. Águas de tendências menos suícidas forram a margem esquerda, mesmo à beirinha da vetusta capela de São Lourenço. Nesse espelho cromado, reflecte-se o casario singelo de tostados pescadores que, sentados contra a ombreira, concertam as redes para a campanha da tarde. Com essa imagem de rara beleza nos despedimos de Viana, por uma manhã tão linda, tão linda que, à míngua de palavras certeiras, e receiando uma descrição anémica, só ousaremos designá-la, ao recordar êste primeiro passeio jornalístico à querida cidade-irmã, por «aquela manhã».

Estamos em Aveiro

Lá vamos seguindo, crédo entre os lábios por causa das camionetas doidivanas que se dirigem para o Alto-Minho, com carretos de gente entusiasmada e ramboia. Ali por alturas do Porto, umas núvens ao longe intimidam-nos. Mas não se perdeu a confiança na promessa daquele horizonte côr de rosa.

Primeira paragem, por imposição dos estômagos desafeitos a um j jum prolongado. Pequeno almôço no tradicional Leão d'Ouro, da Batalha. Repasto agradável que o elevado prêço tornou indigesto. O relato fiel dêste episódio não é consentâneo à descrição que estou a traçar, como vêem, com gestos líricos e nada materialistas. Recomeçou a marcha, não sem que o culpado do acidente deixe de ouvir pública exprobação da sua ingenuidade...

E aquele nevoeiro ao longe... Passamos em Gaia. Estrada de Espinho. Da zona neutra acabamos de passar à zona ambicionada:—entramos no distrito de Aveiro. Dissipou-se o desinterêsse pela paisagem que nos induzira a esquecer as léguas com anedotas graciosas ou a história de factos sensacionais—factos a que muitos têm o péssimo hábito de chamar «má língua». A ideia que nos obsecava transmudou-se. Agora, o cérebro remoi, minuto a minuto, segundo a segundo;—estamos em Aveiro! Estamos em Aveiro!

No entanto, mais e mais ansiamos pela chegada à terra estremecida.

Não esmorece o galopar do *Fiat*, na sua marcha notável de regularidade. Até que novas terras se nos desvendam, gracis no seu pitoresco. Em Ovar, o mercado semanal, grulhento e vário, apresenta-nos as primeiras raparigas de elegante e característico chapeusito à banda, sua pena multicolor em bizarro desafio à nossa curiosidade.

—Estamos em Aveiro!

Sempre a mesma pecocupação. Uma alegria latente que principia a agi-

A festa dos Legionários de Aveiro

imprimiu á cidade extraordinário movimento

Um domingo cheio

Ainda não se desvaneceram e coloriram de todo, na retina dos olhares e na sensibilidade das almas, a visão, os écos e as penetrantes e doces emoções despertadas pela notabilíssima festa legionária, realizada, há uma semana, nesta cidade.

Aveiro, com um dia incomparável para a missão do dia, sem viração e quási sem sol, viveu a maior hora nacionalista, que lhe foi dado experimentar, desde que em Portugal acordou para a vida política e para a vida nacional, a resgatadora revolução patriótica de 28 de Maio.

As cerimónias, em si magestosas; os milhares de pessoas que circulavam nas ruas, numa roda viva; os edifícios profusamente embandeirados e ostentando belas colchas adamascadas; os galantes frisos de senhoras e crianças, que se viam buliçosas por tôda a parte e que punham no ambiente dinâmico do dia, uma toada môça, gentil e formosa, deram à cidade marítima e de horizontes sem fim, o momento solene de grandeza e o lance patético de apoteose e glória.

O Exército, o nobre Exército português, esteve unido em perfeita comunhão moral com a Legião. A oficialidade, com a sua presença, aprumada e vistosa nas suas fardas, imprimiu imponência e gravidade às cerimónias.

O desfile marcial do Batalhão, com ordem, garbo e ritmo, levando à frente duas filas de voluntários em motos e na cauda o renque de distintas legionárias dos serviços de Saúde, impressionou e comoveu a multidão, que espontâneamente lhe tributou a sua simpatia, lhe abriu o sorriso franco da sua alma e lhe derramou as suas flores.

As cerimónias, tôdas elas, tiveram brilhantismo, carácter, movimento, cenário, som e côr.

A missa campal do Rossio, num alinhamento feliz, celebrada por essa notável figura da Igreja, que é ao mesmo tempo, a mais alta individualidade aveirense da hora presente, o sr. Arcebispo D. João de Lima Vidal, parece que evocou pelo silêncio, nos minutos místicos da elevação, os favores do céu e a bênção do eterno.

A luzida chegada do sr. general Casimiro Teles; a revista passada às fôrças; a descida através da Avenida; o supremo momento da continência pela Legião aos *Mortos que mandam*, tiveram rara e grandiosa imponência e panorama.

O almôço no *Arcada* foi primoroso, nobilitando o hotel. A ratificação do juramento de bandeira no Estádio Municipal, em que os legionários assumiram a responsabilidade de verdadeiros e leais homens de armas, calou profundamente em tôdas as almas, que igualmente comungaram nessa maré alta de patriotismo, de fé e de amor a Portugal.

A exortação cristã do sr. Arcebispo de Ossirinco penetrou em todos os espíritos como uma onda alada de paz, de serenidade e de bonança—um cântico de pomba branca e imaculada a esvoaçar por cima de tôdas as cabeças. As palavras ardentes, abrazadoras, que parece que respiravam o sol adusto e criador de África, do meu velho amigo rev. Abel Condesso, chamaram-nos a todos à realidade nacionalista e restauradora do século actual.

O Parque, frondoso na sua luxuriante vegetação, exultou de movimento extraordinário.

No *Porto de Honra* onde se ergueram saúdações eloquentes, notáveis e afectuosas, dominaram as palavras sinceríssimas de reconhecimento, gratidão e homenagem à cidade pela recepção feita, proferidas pelo sr. general Casimiro Teles.

Durante o jantar confraternizante dos legionários e representações das fôrças armadas e da Mocidade reinou camaradagem, e o povo rodeou-o de simpatia e afecto.

Talvez que aqui, acolá ou mais além se registasse uma deficiência, uma lacuna, mas tudo isso nada mais é que falta de hábito, de experiência e da pressão tumultuosa da intensidade do serviço e da acção.

Repitam-se estas grandes manifestações legionárias e as deficiências serão fàcilmente vencidas.

Enfim, a Legião Portuguesa do distrito teve, em Aveiro, a sua formidável e incondicional consagração.

A cidade, o povo, as entidades oficiais e representativas, deram a exacta e justa medida das virtudes do seu espírito.

Respeito, consideração, ordem, hospitalidade, nobreza de sentimentos, devoção cívica, patriotismo houve-os absolutamente.

Não se registou um incidente, a perturbação, a nota confusa e agitada.

Honra, glória e louvor à Legião Portuguesa e ao nobre espírito da cidade, que com ela admiràvelmente se vinculou, exaltando a Pátria e o seu puro idealismo?

J. Carreira

Esta crónica do nosso colaborador, focando os vários aspectos da festa de domingo, queremos completá-la com dois ligeiros reparos: o primeiro com origem no afastamento do povo para longe das cerimónias quando é o povo que lhes dá animação, entusiasmo, imponência. Segundo, a prolongada oratória que se notou durante o juramento de bandeira, dando a impressão dum comício interminável, sem finalidade. Oxalá que, de futuro, isto seja ponderado e... evitado.

Para bem de todos.

Reunião de curso

Não se efectuou a dos professores primários anunciada para segunda-feira desta cidade, mas consta-nos que outra está na forja dos colegas que aqui fizeram o curso há 20 anos.

Férias judiciais

Tiveram início na segunda-feira e prolongam-se, como de costume, até 30 de Setembro.

Para descanço das partes.

Pesca do bacalhau

Chegaram as melhores notícias da Terra Nova e Greelândia àcêrca da campanha dêste ano, havendo barcos que já têm a bordo mais de metade do carregamento normal.

Congratulamo-nos, mas mais nos congratularíamos se isso tivesse influência no preço do delicioso peixe, embaratecendo-o.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Atira-lhe!...

As tílias da rua central do Parque teem as folhas amarelecidas, a cair. Acompanhado dum amigo foi-as vêr o *mestre*, que logo sentenciou:

—Não vão a nenhures!

E censura quem fez a plantação.

Mas não só as tílias do Parque que não vão, êste ano, a nenhures?

E os platanos da Avenida? E as arvores do Rossio? E o resto da vegetação?

Por acaso, temos diante de nós um artigo do sr. Mário Gonçalves Viana intitulado—*Os insatisfeitos e os descontentes*—onde se lê:

. . . .

«Há criaturas que discordam daquilo que ainda na véspera aplaudiam! Outros entendem que dizer mal é indício de superioridade e desatam a apontar êrros sôbre êrros a tudo quanto não é feito por êles ou por especiais amigalhaços. O seu amor pela humanidade e o seu desejo de perfeição só aparecem quando se trata de criticar o esfôrço alheio.

. . . .

O descontente e o insatisfeito—no sentido depreciativo dos termos—tornam-se elementos negativos e anti-sociais. Estes indivíduos são, geralmente, doentes, sectarios ou ignorantes.

E' preciso não lhes dar ouvidos e até reagir contra as suas atoardas, que, ás vezes, conseguem iludir alguns espíritos desprevenidos e até fazer *escola* entre as multidões.»

Obrigados ao sr. Mário Gonçalves Viana pelo conselho. E certos de que ainda havemos de vêr as tílias do Parque pujantes de seiva, viçosas e desenvolvidas, para o Céu dirigimos as nossas súplicas visto ser de lá que costuma vir o remedio para dar vida ao *alvoredo*...

EUMAREIRISMO!

Estradas da Barra e Costa Nova

Achando-se muito danificadas, em parte, esperava-se que fôssem consertadas antes da época balnear, não acontecendo, porém, assim. E dessa maneira, quem por elas passa, farta-se de dansar dentro dos carros.

Vamos a ver se para o ano as encontramos melhor...

Frontarias dos prédios

Há algumas e em ruas consideradas principais que estão vergonhosas por falta de limpesa. A Agência do Banco de Portugal é uma delas. E outras e outras, que não devem continuar no estado em que se encontram.

Pedem-se providências.

Este número foi visado pela Censura

tar-se. A paisagem prende-nos os olhos e, roda que roda, não tarda que nos aproximemos de Angeja. Aguardamos ali, limite do concelho de Aveiro, o primeiro amplexo amigo da gente amiga daquela terra sem par na ternura e na delicadeza do seu povo. Cordialmente devotado à sacrossanta união entre as cidades princezas do Lima e do Vouga, lá está o sr. dr. Jaime de Melo Freitas, nome que os vianenses guardam no peito, com religiosidade. A seu lado, Pompeu Alvarenga e Arnaldo Ribeiro, dois camaradas muito ilustres nos afazeres da «caneta e do linguado», também devotados e fieis mentores da mesma Causa. Eduardo Cerqueira, do *Diário de Notícias*, Aurélio Costa, do *Século*, Lucílio Garcia, do *Primeiro de Janeiro*, Joaquim Carreira, do *Diário da Manhã*, Amadeu Ala dos Reis, do *Comércio do Porto* e Henrique Ramos, o repórter fotográfico que a todos serve, acolhem-nos com os favores da sua inultrapassável fidalguia. E a caravana retoma o andamento. Olhamos o céu, timidamente, não esteja o nevoeiro a invadi-lo em proporções de aterrar quem antevisiona um passeio adorável. A cacimba, porém, compreendera o crime que representava a sua intromissão extemporânea em tam esperançosa como simpática jornada e dissipára-se a pouco e pouco, deixando, apenas, lá muito ao longe, uns esfumados ténues. Atravessamos Cacía, depois Esgueira — portas de Aveiro—e eis-nos na Veneza de Portugal, Princêsa, Rainha ou Dona do Vouga, mas sempre Dona dos nossos encantos.

Enfiamos à ria porque o tempo urge. E as caras conhecidas sorriem-nos pelo caminho. Descemos junto ao cais de embarque. Associa-se à caravana novo e precioso elemento:—o sr. dr. Alberto Ruela, presidente de frêsca data, do *Sport Club Beira-Mar*. Antes de partir a magnífica lancha motorizada da Comissão Municipal de Turismo em que havíamos tomado lugar, o sr. dr. Lourenço Peixinho, muito ilustre presidente da Câmara de Aveiro, honrou-nos com os seus cumprimentos e saüdou, em especial, o sr. dr. João da Rocha Páris, que nem naquele momento íntimo podia abster-se da sua qualidade de presidente do Município vianense. Faz-se a largada com um alegre acenar de lenços. A lancha, tam cómoda e bela que chega a causar-nos inveja, trepida e afasta-se.

Passeio na Ria

Uma curva suave e estamos no cais das Pirâmides. Começa a divizar-se a verdadeira ria, num infinito líquido que a congestão dos cais, dentro da cidade, não permite vislumbrar. A lancha parece ter pressa e vai deixando, atraz de nós, uma esteira borbulhante e o quadro harmonioso da cidade a narcizar-se nas águas calmas e límpidas que lhe servem de espelho. De um lado e do outro, a imensidade plana a perder de vista. Acomodámo-nos na prôa do barco, sôfregos, a beber fartamente os encantos que desabrocham ao redor. Pela estrada que nos acompanha, à esquerda, correm automóveis a caminho da Barra. Dizem-nos adeus, algumas vozes soltam saüdações a Viana. Perdemos de vista as Pirâmides que demarcam a verdadeira ria, aquela sôbre a qual navegamos, agora, num deslumbramento crescente, numa confusão de impressões e de sentimentos indefiníveis. Aqueles cones alvíssimos que o sol faz reverberar em cintilações mágicas são montes de sal. A perícia dos marnotos dá-lhes geitos de obra de arte, na pureza da sua execução, na simetria dos montículos que os cabazes abandonam no solo desenhando impressionantes figuras geométricas. Aquela planície que se alonga em quilómetros e quilómetros sucessivos, entrecortada por muralhas quási imperceptíveis ao lume d'água, é a fartura das salinas, riqueza da gente do litoral aveirense. À vista dos hangares da base naval de São Jacinto, o panorama assume maior grandeza.

O nosso Bernardo Silva, que, apezar dos seus 70 anos, só desta feita recebe o venerável batismo de Aveiro, curva-se, rendido, à evidência, confortado apenas com a certeza de saber que todos nós por lá passámos, por êste enebriamento forte que nos assalta os sentidos e nos obriga a reconhecer que esta ria de Aveiro tem muito de sobrenatural. O barco, hàbilmente timonado, volta à direita, em direcção aos pinheirais que se adivinham ao longe, escondidos por uma cortina de névoa. Fica para traz, talvez despeitado pelo abandôno a que o votamos, o portentoso Farol que assinala a barra. E vamos seguindo, ligeiros, para mais além. Curiosos barcos moliceiros cruzam a ria ao alcance de nossos olhos. Foi um alevante! De traço esbelto, com vestígios de embarcação fenícia, os «moliceiros» distraíram, por instantes, a atenção dos vianenses. Cicerones gentis e cavaqueadores adoráveis, os nossos camaradas de Aveiro elucidam-nos àcêrca de interessantes pormenores da etnografia local no que concerne às pinturas e às legendas batismais (cujo pitoresco roça, por vezes, a escabrosidade...) das prôas e pôpas daqueles barcos. Prosseguimos na rôta, agora, paralelamente à mata de São Jacinto, umbrosa e pacata, onde, por certo, passeiu bastas vezes o nobre «filho de Aveiro» José Maria Eça de Queiroz, o grande Eça, que se considerava «quási peixe da ria» e que gostava «de palmilhar as areias da Costa e os pinhais da Gafanha» em amena conversa com o Conselheiro Luís de Magalhãis. Já começa a distinguir-se, ainda à distância, o casario impreciso da Torreira. A' direita, os povoados, de tam juntinhos, parece um só. A Murtosa—a das «cinturinhas» de estilizada elegância—Pardilhó, Bunheiro, mais ao fundo Sever do Vouga, ao longe a praia do Furadouro e Ovar. Chegados à Torreira, porque se faz tarde, joga-se um simples relance aos *palheiros* alinhados frente à ria e voltamos a partir, direitos à Mata onde nos aguardam a mêsa posta e os petiscos regionais—belo cartão de visita com que os aveirenses se dão a conhecer—que revelaram com exuberância a perícia culinária do Ricardo da Peixinha.

Não faltava o apetite devorador. E, ali, sob o resguardo de uma sombra convidativa, começou o ataque à finíssima canja de enguia, logo seguida pela opulenta *caldeirada*, pelo cheiroso arroz de pato e pelo leitão de três estalos. Com o arroz doce, chegou o espumante. E teve início a série de brindes. Pompeu Alvarenga saüdou os vianenses e Bernardo Silva retribuíu a saüdação com palavras repletas de emoção. Quizeram penhorar-nos com novas manifestações de aprêço os srs. drs. Melo Freitas e Alberto Ruela. Terminara o almoço de confraternização, sempre num ambiente de franca e admirável camaradagem. Brindou-se por Aveiro, por Viana, pela Imprensa. Perto de nós, um animado grupo de portuenses compartícipava, também com alegria, da amenidade daquele local paradisíaco. Houve troca de saüdações até que o horário, terrível de precisão, nos forçou a abalar para o regresso, depois de Severino Costa ter manifestado o reconhecimento dos seus camaradas vianenses que lhe passaram procuração para as «negociações» que deram em resultado êste primeiro encontro de amizade e bom entendimento jornalístico.

Último capítulo

A lancha vai percorrer, de novo, as águas que pouco antes sulcara. Em S. Jacinto, o timoneiro toma o rumo da barra. Permite-se-nos olhar de perto as obras suspensas do pôrto de Aveiro—e até nisto se encontra uma clara afinidade entre a nossa terra e cidade do Vouga.

Estamos chegados a Aveiro ainda sob o domínio daquela viagem memorável. Sentimos que, após esta visita à ria, tão farta de encantos, tudo o mais se deve reduzir a impressões fugidias, a notas soltas, despreocupadas, porque o cérebro ficou como que obliterado por tal soma de sensações ignoradas.

A caravana, uma vez em terra, vai por à visita ao formoso Parque Infante D. Pedro que alguns dos vianenses não conhecem. A visita não pode deixar de ser breve porque falta apenas uma hora para o regresso a Viana. Mesmo assim, no final, suspiros incontidos e olhares tristes exteriorizaram o sentimento de inferioridade que avassalava os vianenses, para quem as áleas frondosas, os recantos sossegados, o lago quieto e os parques de jogos constituíram esmagadora surpresa. Depois, pelo braço do sr. dr. Melo Freitas acorremos a cumprimentar os *Galitos*, o que significa, na boa linguagem das nossas saüdações, a saüdar Aveiro. Aguarda-nos tôda a Direcção. Aguarda-nos, como fàcilmente se subentende, com a sua costumada fidalguia. Na sala de festas, é oferecido um *copo de água* à embaixada vianeza que não pode esconder a sua confusão. O primeiro brinde é do dr. Melo Freitas, presidente da Assembleia Geral do *Club dos Galitos* e Amigo n.º 1 de Viana do Castelo. Reitera as afirmações da sua simpatia pela cidade do Lima e recorda, com lágrimas a apagarem-lhe a voz, a figura nobilíssima do dr. José António de Matos, que, com seu sempre chorado pai, o dr. Joaquim de Melo Freitas, o padre João da Assunção Viana e Manuel Candido Loureiro, foi um ferveroso construtor da pira monumental onde vianenses e aveirenses teimam em queimar o que de mais puro exsuda de seus corações.

O sr. dr. Rocha Páris, agradece em nome dos seus camaradas de Viana as gentilezas com que os alvejaram e intima os aveirenses a considerarem Viana-do-Castelo como a sua própria terra. Outras saüdações se seguiram; a de Bernardo Silva, a de Arnaldo Ribeiro, a de Joaquim Carreira e a do dr. Alberto Ruela, vibrante e calorosa.

Fugira o sol e, nos horizontes enrubescidos, lêmos os prenúncios da noite. E' forçoso despedirmo-nos. E alguém interroga, espirituosamente, que matéria peganhenta cobre o solo de Aveiro para os vianenses se sentirem tão prêsos a êle...

Há muitas caras amigas que se vêem despedir, naquele saüdoso abraço que por muito tempo nos aquece a alma:—José da Costa Monteiro, José Barbosa, António Cunha, Francisco da Encarnação.

Estão connôsco, em espírito, os srs. drs. Alberto Souto e Lourenço Peixinho que obrigações bairristas nos furtaram. Apertos de mão, acenar de lenços, mãos espalmadas num adeus frenético e o *Fiat* trepa a magnífica Avenida Central para o regresso.

Um automóvel nos acompanha até à ponte de Cacia, sôbre o Vouga onde lucilam as últimas luzes da tarde agonisante. E' o sr. dr. Jaime de Melo Freitas que acompanha os nossos camaradas de Aveiro nesta despedida gentil.

Partimos, finalmente, mortinhos de saudades. Cerra-se a noite e o automóvel persegue a esteira luminosa que os faróis rasgam diante de nós. Procuramos esquecer o pezar da despedida em divagações de mil espécies, sorrindo, por vezes, com a lembrança dos pícaros rituais dos devotos de S. Gonçalo do Bunheiro.

Finda esta jornada memorável, promessa de aliança mais sólida, ilumina-nos o espírito uma paráfrase, às palavras do brinde do sr. dr. Alberto Ruela: «A satisfação de um encontro com aveirenses não compensa, para nós, vianenses, o travo da despedida».

Amigos de Aveiro: até ao ano!
Aveirenses: até sempre!

Alberto Couto

Pelo Liceu

No fim do ano lectivo fôram conferidos os seguintes prémios:

Do *Governador Civil Nicolau Anastácio Betencourt* ao aluno Anacleto Soares Lameirinhas, o único que satisfêz as condições regulamentares, porque obteve no exame de saída do curso geral, 2.º ciclo, 6.º ano, a classificação de 16 valores (distinto).

Do *Dr. Santos Reis*, ao aluno António Gomes Ferreira, de Ovar, que satisfêz as condições prescritas pelo instituidor, pois se distinguiu pela sua aplicação, obteve no exame do 7.º ano, 3.º ciclo, a classificação final de 18 valores (distinto) e revelou durante todo o seu curso as melhores qualidades de carácter.

Da *Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro* ao mesmo estudante por ter obtido a mais elevada classificação na disciplino de Português—19 valores.

Convém frizar que êste foi o único aluno a quem, até à data, couberam os três prémios existentes no Liceu. O primeiro têve-o o ano passado. É caso digno de registo pela sua raridade.

* * *

Abriu na segunda-feira o prazo para as matriculas do próximo ano lectivo, devendo terminar na quarta-feira, dia 10.

Dos candidatos que prestaram provas de admissão no Liceu ficaram aprovados 8.888.

Também é raro reünirem-se assim quatro oitos.

Numa passagem de nível

Mais um desastre, de funestas consequências para um jumento que, ao transpor as calhas, foi colhido por um comboio de mercadorias, tendo morte imediata.

Acrescenta o jornal onde vimos a notícia, que a guarda das cancelas não teve qualquer responsabilidade no aco tecido, sendo o jumento vítima da sua teimosia em atravessar a linha.

Mas então não foi desastre: foi um suicídio.

IMPRENSA

«ECOS DE CACIA»

Entrou no 9.º ano da segunda série êste semanário fundado por o saudoso João José Nunes da Silva para defesa dos interesses do baixo Vouga e que o seu actual director, José Marques Damião veio substituir disposto a vencer tôdas as dificuldades aglomeradas em volta da imprensa.

Felicitamos duplamente o *Ecos de Cacia*: primeiro, pelo aniversário, que não nos podia passar despercebido quando mais não fôsse por gratidão; segundo, pelo triunfo alcançado sôbre o *das capoeiras*, livrando a freguesia dum elemento pernicioso, indigno, mau.

«A IDEIA LIVRE»

Também êste semanário de Anadia acaba de completar 10 anos de existência.

Que lhe prestem.

Com licença...

Duas coisas que estão a tornar-se incomodas para os hóspedes do *Arcada Hotel*, principalmente: o pregão de jornais a deshoras—quantas vezes?—depois da meia noite e, de madrugada, o rodar das carroças do lixo sôbre as pedras da calçada.

Não se poderá evitar que isto continue?

Quer-nos parecer que sim. Está na mão do João Monteiro, capacitando-se de que é um acto de delicadeza respeitar quem precisa de descanso; e, por parte da Câmara, substituir o calço dos carros por borracha, assim, pouco mais ou menos, como usam os padeiros que deixaram de transportar os cabazes ás costas.

Vejam então lá. A cidade só tem a lucrar, concorrendo para que os seus visitantes levem dela as melhores impressões.

Em todo o sentido.

Gato Preto

Sob a presidência do sr. dr. Manuel das Neves deve reünir, no dia 10, a assembleia geral extraordinária do Café Restaurante Gato Preto para ser apreciado o balanço do mesmo e tomarem-se as deliberações que fôrem convenientes à sociedade.

Agora é com qualquer número de interessados.

Festas Sebastianinas

Realisaram-se em S. João da Madeira com a pompa do costume, tendo atraído também, como de costume, milhares de forasteiros à próspera vila cujo progresso se deve, em grande parte, ao concurso dos seus naturais, o que é para louvar e aplaudir.

A propósito inseriu o *Regional* a imagem do Martir que se encontra na igreja matriz. Mas—coisa interessante: é que tem mais o aspecto duma bailarina em palco de teatro do que o dum santo colocado em altar.

Engraçadíssimo.

A razão da vitória

Diversas causas têm sido apontadas para explicar ou justificar a derrota dos vermelhos espanhóis. Sem querermos desprezar o factor material bélico, a disciplina e o treino militar, a habilidade do estado maior, parece nos que o que mais poderosamente influe para a vitória dum movimento revolucionário é a consciência política dos combatentes, quere dizer: a convicção por parte dos que lutam, que sacrificam a sua vida para salvar o seu país, para implantar um regime melhor.

Até certa data, contaram os comunistas de outros partidos das esquerdas com combatentes decididos a morrer em defesa daquilo que, erradamente, consideravam ser a melhor forma do govêrno e organização social. Mas, depois da falência da experiência russa, perderam as massas fé na terapêutica socializante, para o mal económico Viram que a droga só piorava o estado do doente.

Em Espanha, vê-se nitidamente a diferença entre mercenários ou combatentes forçados e os que combatem com fé. Sem a convicção na justiça da causa, não seriam possíveis tantos heroísmos das tropas espanholas!

Grupo Dramático Lisbonense

De passagem para Viana do Castelo deve chegar a esta cidade no dia 19, à tarde, o *Grupo Dramático Lisbonense*, composto de 50 pessoas de ambos os sexos, o qual, pelas 22 horas, visitará a séde do *Club dos Galitos*, pernoitando em Aveiro.

Os lisbonenses teem no dia 21 um jantar de confraternisação com diversas colectividades da Princesa do Lima e no Carreço haverá diferentes festas em sua honra promovidas pelo Rancho Regional, que também será homenageado com a oferta duma bandeira de setim na noite do espectáculo ali realisado pelo Grupo, seguido de baile.

Muito estimaremos que tudo decorra à medida dos seus desejos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos; hoje, o sr. dr. Francisco Romão Machado, médico no Ultramar; ámanhã, a sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz Magalhães, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, do Centro Comercial de Aveiro, L.ª; no dia 8, a sr.ª D. Leopoldina Rodrigues Louro de Sousa, professora oficial e esposa do sr. Joaquim José de Sousa, 2.º sargento de Cavalaria 8; em 9, a sr.ª D. Maria Emília Ferreira da Silva, esposa do sr. Américo Carvalho da Silva, e em 10, o sr. António Tavares de Sousa.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se no domingo o enlace matrimonial da sr.ª D. Idalina Branca Pinto, interessante filha da sr.ª D. Maria da Glória Pinto e de seu marido o sr. Alberto Vaz Pinto 1.º sargento de Cavalaria 8, com o sr. Antero

Os noivos, depois da cerimónia
(Chiché da Foto-Vouga)

Monteiro da Silva, filho do sr. Joaquim da Silva e de sua esposa a sr.ª D. Maria dos Anjos da Silva, residente em Chaves.

Serviram de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Ana Pereira da Costa e marido o sr. Francisco Pereira, e pelo noivo a sr.ª D. Alzira Teixeira Lopes da Silva e o sr. Belchior Alfredo da Silva.

Finda a cerimónia religiosa a comitiva dirigiu-se para a residência dos pais da noiva onde foi servido um opíparo jantar, brindando alguns convivas pelas felicidades dos nubentes. Estes partiram para o norte a passar a lua de mel, fixando residência em Chaves.

A corbeille encontrava-se guarnecida de lindas prendas de fino gosto e valor.

Aos noivos, possuidores de predicados que os hão-de tornar felizes, desejamos, também, um porvir perene de venturas.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. David Moita e Afonso A. da Silva Pinto, residentes em Coimbra; Manuel Branco Lopes, 2.º tenente da Armada; Gustavo Moreira, actualmente na Farrapa (M. de Cambra); José Nunes de Figueiredo, guarda-livros em Agueda, e António Dias Afonso, que, de Sezimbra, foi residir para a Povoa de Varzim.

—A passar as férias encontram se entre nós a sr.ª D. Joana Tavares de Melo, professora de piano na capital, e o sr. dr. Carlos Vilas-Bôas do Vale, juiz de Direito em Montalegre

—Vindo de Torres Novas esteve aqui, de passagem para Chaves, onde reside com a família, o nosso amigo Francisco António Wenceslau, alferes de Cavalaria 9.

—Regressou ante-ontem da Golegã, onde esteve de visita a seu irmão, a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

—Com sua esposa deve hoje deixar a capital para, em digressão de recreio, visitarem a Inglaterra e Escocia tomando logar a bordo do Almanzora, o nosso presado amigo e conterrâneo, dr. António Leitão, que conta estar de volta em meados de Setembro, depois de passar por Paris.

Desejamos aos ilustres viajantes uma feliz viagem.

Praias e Termas

Com suas famílias partiram: para Espinho, o sr. capitão José Ferreira do Amaral; para a Costa Nova, os srs. dr. Jaime Duarte Silva, tenente Gumerzindo da Silva, dr. Jaime de Melo Freitas, dr. António Simões de Pinho e Francisco Marques da Naia e para a praia do Farol os srs. dr. Vitorino Cardoso, tenente-médico de Infantaria 19, José Robalo Junior, furriel João Baptista do Amaral Brites e a esposa do sr. António Andrade.

—Para Entre-os-Rios segue ámanhã com a família, o sr. Gervásio Ateluia.

—Chegou das termas de S. Pedro do Sul a sr.ª D. Luciana Driz Ramos, esposa do sr. Anibal Ramos, comerciante local.

—De Lisboa foi passar a estação calmosa para Rinchôa o nosso presado conterrâneo, sr. João de Moraes Machado.

BENEMERENCIA

Com data de 1 do corrente, recebemos a seguinte carta:

...Senhor:

Passando no próximo dia 4, quinta-feira, o sexto aniversário da morte de minha filha Maria Júlia, envio a V. 50$00 para nêsse dia, mandar distribuir pelos pobres mais necessitados, sufragando a sua alma.

E' favor não dar menos de 5$00 a cada um.

Agradecendo-lhe muito reconhecida, tem a honra de se assinar

De V.

uma admiradora, muito e muito obrigada

MÃE INFELIZ

Como se vê, há uma ferida aberta no coração desta Mãe, que dificilmente cicatrizará. No entanto, as bôas acções são um balsamo, um lenitivo, a maior parte das vezes, para quem sofre. E esta é uma delas.

Com a importância recebida contemplámos Maria Emília Marques, R. de S. Sebastião; Conceição Tainha, R. da Corredoura; Margarida Raposo, idem; Luiza Peixinho, R. do Gravito; Tereza de Jesus Adelaide, R. de S. Martinho; Norberta Rosa, R. do Vento; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Carolina Miranda, R. Eça de Queiroz; Margarida de Matos, R. da Sé e Celestina Pires, R. do Rato, em nome de quem agradecemos.

Secção desportiva

Natação

Campionatos regionais

Na quarta-feira disputaram-se, à noite, na piscina do canal central da ria, que oferecia um aspecto magnífico, emoldurada dum numeroso e entusiástico público, os campeonatos regionais.

Registaram-se resultados interessantíssimos, principalmente na categoria dos infantis—os nossos futuros campeões.

A A. N. A. esforçou-se por fazer uma organização perfeita, conseguindo-o em parte. Merece louvores a sua boa vontade.

No próximo *Porto-Aveiro*, a realizar nesta cidade, deve esperar-se um entusiasmo enorme, no nosso público, que vai pôr à prova o seu carácter de bairrista e apaixonado da natação.

Seguem os resultados:

Infantis

33 m. livres (1.ª eliminatória):—1.º José Gamelas, 23 s. 3/5; 2.º, Tiago Ribeiro (ambos do *B. Mar*); 3.º Amilcar Correia (Estarreja).

2.ª eliminatória:—1.º, Carlos Campos, 21 s. 1/5; 2.º Manuel Graça Paula; 3.º, Manuel Cruz Novo (todos do *B. Mar*).

Final:—1.º, Carlos Campos, 21 s.; 2.º, José Gamelas, 24 s.; 3.ºs *ex-æquo*, Amilcar Correia e M. Graça Paula, em 25 s. 2/5.

33 m. bruços:—1.º, Horácio Ravara (*B. Mar*), 26 s.; 2.º, Amilcar Correia; 3.º Mário Servo (Vista-Alegre).

66 m. livres:—1.º, José Gamelas, 56 s.; 2.º, Licínio Lima (Estarreja) 3.º, Tiago Ribeiro, (*B. Mar*).

Estafetas 3x33 metros livres—1.º, equipa A do *B. Mar* (José Gamelas, Horácio Ravara e M. Graça Paula) 1 m. 16 s.; 2.º, equipa B do *B. Mar* (Tiago Ribeiro, Alcides Pereira e Manuel Novo); 3.º, equipa do Estarreja (Sérgio Cunha, Fausto Pereira e Licínio Lima).

Principiantes

66 m. livres:—1.º, Eduardo Guimarãis, 49 s. 1/5; 2.º, Domingos da Paula; 3.º, João Sarmento (todos do *B. Mar*).

100 m. livres:—1.º, Eduardo Guimarãis, 1 m. 23 s. 2/5; 2.º, João Biaia; 3.º, João Ferreira (todos do *B. Mar*).

100 m. costas:—1.º, Domingos Graça Paula, 1 m. 50 s.

100 m. bruços:—1.º Alberto M. Melo, 1 m. 44 s. 1/5; 2.º, Manuel Lemos (ambos do *B. Mar*).

400 m. livres:—1.º Eduardo Guimarãis, 7 m. 10 s. 3/5; 2.º, João Valente, 9 m. 4 s.; 3.º João Armando Ferreira.

Séniors

100 m. livres:—1.º, Eduardo Peixinho, 1 m. 18 s. 3/5; 2.º, Amadeu Naia (ambos do *B. Mar*).

400 m. livres:—1.º Amadeu Moreira, 7 m. 8 s.; 2.º, Manuel Nordeste (ambos bos do *B. Mar*).

200 m. bruços:—A. Agostinho da Costa (*B. Mar*), 3 m. 14 s.

100 m. ccstas:—Amadeu Moreira (*B. Mar*), 1 m. 46 s.

200 m. livres:—1.º Eduardo Peixinho, 3 m. 9 s. 2/5; 2.º Cipriano Costa (ambos dos *B. Mar*).

1.500 m. livres:—1.º A. Agostinho da Costa (*B. Mar*), 26 m. 41 s. 4/5; 2.º Henrique Cruz (Vista-Alegre), 29 m. 24 s. 1/5.

Y.

PROGREDINDO

NA RIDENTE ALDEIA DE VERDEMILHO

foi, no domingo, inaugurado oficialmente o seu Club Recreativo

Como fôra deliberado, efectuou-se com a presença do sr. capitão veterinário, dr. António Lebre, a inauguração do *Club Recreativo Verdemilhense*, presidindo à sessão solene o professor Manuel Estudante, secretariado pelas sr.as D. Nereida Catarino da Silva e Pinho, D. Cezaltina Madail e os srs. dr. Amadeu Tavares da Silva, João Simões de Oliveira, Acacio Rosa e Manuel dos Santos Madail.

Concedida a palavra ao sr. dr. Lebre, presidente honorário do Club, produziu êste um discurso por muitos titulos admirável por nêle exaltar as belêsas da sua terra, falando da paisagem, do clima, das mulheres, de tudo, enfim, que Verdemilho possue e anda ligado ao seu progresso e ao seu desenvolvimento.

Capitão António Lebre

No próximo número daremos uma ideia dêle tão aproximada quanto possível, pois mereceu da assistência os mais vivos aplausos.

A seguir falou o sr. Manuel da Silva Júnior, que depois de se referir ao significado da festa e ás razões que a determinaram, têve para o capitão António Lebre estas palavras de inteira justiça:

«A Bondade é um presente do Céu. Possui-la é a felecidade suprema.

Mas o dr. António Lébre não é só um bom. E', no campo moral, ainda um caracter que se impõe. A sua rectidão, a sua lealdade, o respeito pela palavra dada, a sua acessibilidade, a sua singeleza, o seu desprendimento balôfo, etc., digamo-lo, meus senhores, com desassombro, tornam-no credor de todas as simpatias. E, até na acepção sentimental, a compaixão lhe inunda a alma.

O dr. António Lébre nasceu rico. Esta condição podia ele aproveitar para viver na ociosidade e no gôso, entrincheirando-se no mais feróz egoismo. Não o fez, não o faz. No seu campo profissional, é um técnico duma alta competência a toda a prova. A justificar e a corroborar o que digo, está a escôlha que o Governo fez entre os colegas, indicando-o para ir à Argentina em missão de estudo da sua especialidade.

Inteligente e concentrado pensador, observador atento e perspicáz, investigador penetrante e agúdo, preciso no golpe de vista, surpreendeu e colheu e recolheu conhecimentos bastos que lhe fazem honra e são honra da sua terra, da sua Pátria. E' um estudioso, um erudito e um conferencista luminoso e de plane.

A Verdemilho, ao seu Verdemilho, quere êle muito; e Verdemilho retribue com gratidão, respeito e dedicação, tão preciosa oferta.

Abnegado e altruista, procura fazer o bem pelo prazer do próprio bem.

E, quando o bem está na sua mão, não o esconde, como tantos o fazem; oferece-o, sentindo júbilo em o fazer; não o tendo em sua mão, promete, sôb reserva, consegui-lo. Esta reserva, que só é incerteza na sua alma, é para não faltar. Nestas circunstâncias, aponta outros caminhos, que lhe parecem capazes de levar ao conseguimento do que lhe pédem, ou, pelo menos, que pódem auxiliar no mesmo empenho. Não tem vaidade! O seu desejo máximo é que todos sejam felizes à sua volta. A provar isto está a sua visível contrariedade, quando não póde conseguir, por êle ou por outro, o que lhe solicitam.

Neste transe, o dr. António Lébre, bondoso e cheio de coração, sente-se arreliado, penalizado. Não há hipérbole no que afirmo. Sente-se isto nos trejeitos arreliantes do seu magoado rôsto, na nuvem que se nota passar pela sua fronte e nos relances furtivos dos seus olhos. Mas, se consegue o que lhe pédem, a sua alegria, o seu júbilo, estampam-se-lhe, mostram-se em catadupas, como relâmpago intenso, por toda a sua fronte, por todo o seu ser. Falta-me a persuasão de Navarro e a eloquência de Vieira para dizer, para afirmar forte, o que a verdade e a consciência apontam, àcêrca dêsse grande vulto da Bondade, da Honra, da Proficiência e da erudição.

Talvez que êste ideal de nobreza que lhe enche a alma o levasse também a dedicar-se a êste Centro Recreativo a que pretende imprimir alma, mas uma alma que seja a sua.

E' claro que, para isso, tem de educar e instruir; tem de formar mentalidade, baseada na tolerância, apanágio da vida colectiva, no civismo e no sociabilidade.

Afirmei há pouco que a Bondade é um presente do Céu; agora afirmo:—O Saber é um presente de Deus.

O dr. António Lebre, por Deus e pelo Céu foi comtemplado. Para V.ª Ex.ª, vai, pois, a minha admiração mais alta e o meu respeito profundo e, bem assim, todos os meus melhores votos, os mais sincéros e comovidos, por um futuro de venturas.»

A direcção do Club fez descerrar, após, o retrato do seu presidente honorário, incumbindo dessa missão a menina Maria Regina, filha do sr. dr. Amadeu Tavares da Silva e sobrinha do homenageado, assim como inaugurou a nova bandeira do grémio que, no meio do estralejar de muitos foguetes e ao som da música nova de Ilhavo, fôra içada pelo capitão António Lebre entre as palmas da ássistência.

Por último, ainda a Direcção, que tem à sua frente o nosso conterrâneo Abel Cssta, ofereceu aos convidados um fino *copo d'agua* que deu ensejo a alguns brindes pelas prosperidades do Club e pela saude do homenageado dessa tarde memorável, que tantas simpatias conta bem como toda a sua ilustre família.

A' noite realisou-se no salão um grandioso baile, que decorreu animadíssimo até tarde, tendo a abrilhanta-lo o *Vista Alegre Jazz*.

Comandante de Bombeiros

Tomou posse na quarta-feira do logar de 1.º comandante da Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes o sr. tenente Natividade e Silva, tendo assistido ao acto a Direcção, corpo activo e respectiva banda de música.

Formada a mesa, usaram da palavra os srs. dr. Luis Regala, presidente da Assembleia Geral, José Maria Rodrigues, 2.º comandante, e tenente Gumerzindo da Silva, inspector dos incendios, que se referiram à entrada para a Companhia do sr. tenente Natividade, a quem não devem faltar requesitos para bem se desempenhar da missão, a-pesar de ser um simples recruta, como afirmou ao agradecer as palavras elogiosas que ali ouvira.

Há muito tempo que se fala na indisciplina que lavra no seio daquela colectividade e que já tem dado logar a incidentes lamentáveis, que oxalá terminem duma vez para sempre ao ser empossado o novo comandante.

Esperando que da acção do sr. tenente Natividade e Silva só benefícios provenham para a Companhia, junamos aos nossos cumprimentos aos que, por tal motivo, tem recebido.

Necrologia

Após cruciante e prolongado sofrimento, que a ciência aliada aos carinhos da família não conseguiram debelar, exalou o derradeiro alento aos primeiros alvores da madrugada de quarta-feira, Maria José Teles, a quem um terrível mal vinha torturando desapiedadamente.

A extinta, filha do sr. Mário Teles, desaparece em plena mocidade—23 anos—deixando viúvo o sr. António Trindade Ferreira e uma filhinha, que muito estremecia.

No seu funeral, realizado na tarde dêsse dia, incorporaram-se, além do *Grupo Cénico do Club dos Galitos* a que pertenceu, muitas das suas amigas e companheiras e outras pessoas a quem a morte da inditosa Maria José penalizou.

Da chave da urna foi portador o sr. Ricardo Campos, sendo-lhe oferecidos muitos ramos de flores com dedicatórias sentidas.

Aos doridos e mui especialmente ao pai e viúvo da extinta, o nosso cartão de condolências.

* * *

Faleceram mais: no hospital, Graziela de Jesus Ferreira, casada, de 55 anos; no bairro de Sá, Domingos dos Santos Silva, de 23 anos, ceifado pela tuberculose, e na *Preza*, Albertina da Conceição Lopes, de 52 e Rosa dos Santos Maia, de 87, ambas viúvas.

Ver a 4.ª página

Correspondencias

Povoa do Valado, 4

Acompanhado da esposa, segue àmanhã para Lisboa, devendo embarcar no dia 9 para o Rio de Janeiro, onde tem estado, o nosso conterrâneo e amigo, Manuel dos Santos Romão, que viajará no *Alcântara*.

Agradecendo-lhe o abraço de despedida, muito estimaremos que a felicidade o não abandone, como merece.

C.

Costa do Valado, 4

Terminou a reparação do caminho do Ramal, que, como dissemos, era de urgente necessidade para os habitantes daquele lado da Costa.

—Faz no sábado anos a menina Célia Vieira, interessante filha do nosso amigo Albino Vieira dos Santos.

Parabens a ela e à família, que, com justificada razão, muito lhe quer.

—A prolongada estiagem está contribuindo para que o ano agrícola não seja tão farto como a princípio se supunha. E' que nos poços também falta a água para regar as terras e de aí o desanimo que já lavra entre os que as cultivam e teem de pagar renda.

Pouca sorte.

—Consta-nos que pela Direcção das Estradas vão ser intimados os proprietários dos prédios que ainda não teem concluidas as frontarias a procederem ao seu acabamento de modo a imprimir à localidade outro aspecto.

Achamos bem.

—Com a família chegou de Lisboa à sua nova casa das Paradas, onde conta passar algumas semanas, o nosso conterrâneo e amigo, Manuel Nunes Génio.

—De visita a seus pais e irmãos também se encontra entre nós, vindo de Sintra e acompanhado da esposa e duma filhinha, o furriel da aviação, sr. Armando Carvalho, filho do nosso amigo, Domingos Marques de Carvalho.

C.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

Prevenção

Manuel Ribeiro da Silva, da *Casa Higiénica*, Rua do Carmo n.º 17, previne por êste meio todos os seus clientes e amigos que, deixando de estar ao seu serviço o empregado, sr. Elias, desde o dia 24 de Junho de 1938 não assume qualquer responsabilidade por qualquer transação feita por êste sr. em seu nome, dessa data para cá.

Aveiro, 20-Julho—1938.

Centro Recreativo de Esgueira

Convocação

Não se tendo realisado no dia 31 de Julho findo a Assembleia Extraordinária que estava convocada, por motivo das festas dedicadas aos Legionários, torna-se público que a mesma assembleia funcionará no próximo dia 7, pelas 21 horas, com qualquer número de sócios, afim de tratar de assuntos que à Sociedade interessam.

Centro Recreativo de Esgueira, 3 de Agosto de 1938.

O Presidente da Assembleia Geral

a) *Artur Ferreira*

Declaração

Maria da Luz Sarrico, de Vilar, vem declarar, que, achando-se, há meses, separada, de facto, do seu marido, Manuel Vieira da Silva, do mesmo lugar, não se responsabiliza por quaisquer dívidas por êle contraídas sem consentimento da declarante.

Aveiro, 28 de Julho de 1938.

Prevenção

A «Canalisadora Aveirense» de Elias Ribeiro da Silva, Avenida Bento de Moura—Telef. 217

Elias Ribeiro da Silva, ex-gerente da *Casa Higiénica*, da Rua do Carmo, n.º 17, comunica por este meio ao comércio e ao público, em geral, que abriu um estabelecimento do mesmo género (casa da antiga Confeitaria Gamelas) deixando por isso de ter qualquer responsabilidade com a referida casa. Mais se responsabiliza pelos seus trabalhos concernentes à sua arte como pelas transacções que desde 24 de Junho p. p. lhe digam respeito.

Garantia e seriedade é o lema da nova firma.

Aveiro, 26-Julho-938.

Elias Ribeiro da Silva

Pelo Teatro

=o=

Lemos num jornal do Porto desta semana:

Por um conhecido emprezário foi convidado a ingressar no elenco duma companhia de revistas, de Lisboa, o tenor Nuno Meireles, que faz parte do Grupo dos Galitos, de Aveiro.

E qual seria a resposta? Naturalmente que não estava disposto, por enquanto, a dar êsse passo, visto as auroras continuarem a raiar...

Dr. João Joaquim Pires

A sua viúva, sogros e cunhados procuraram agradecer a tôdas as pessoas que se dignaram incorporar no funeral do saúdoso falecido e que lhes dispensaram palavras de pezar e confôrto em tão aflitivo transe; mas, podendo ter cometido alguma falta involuntária, devida a deficiência ou êrro de endereço ou por qualquer outro motivo, vêem desta forma repará-la, manifestando a todos a sua viva gratidão.

Aveiro, 4 de Agosto de 1938.

O TEMPO

Previsões de 7 a 13 de Agosto

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Continua a subida barométrica, fortemente acentuada em 10, data em que começa a descer.

Datas de novos ciclones—Em 10 e 12.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 10, 12 e 13.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo, no decorrer dêste periodo, se apresente, por vezes, de trovoada e ventoso, principalmente a partir de 9.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Inglaterra, Turquia, Polónia, Japão e Filipinas.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Tendência para subir a partir de 7, e descer a partir de 11.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: em 9 e 11.

Setúbal, 3 de Agosto de 1938.

A. CARVALHO SERRA

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,23	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	8,38
13,45	10,15
18,38	18,21
20,50	22,54

Comarca de Aveiro

Anúncio

Por sentença de 12 de Julho foi decretado o divórcio definitivo dos conjuges João Lopes dos Santos, marnoto, e Apresentação da Silva Maia, doméstica, ambos de Aveiro, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 27 de Julho de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara

João António de Morais Sarmento

"O Democrata„

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal, ano	20$00
Semestre	10$00
Colonias, ano	30$00
Brasil e Estrangeiro	40$00
Numero avulso	$30

ANUNCIOS

Por linha (1.ª pagina)	2$00
» » (2.ª »)	1$50
Nas outras	1$00
Comunicados, linha	1$50

Permanentes contracto especial. Contagem pelo linómetro de corpo 8.

A FECHAR

—Sonhei esta noite que me tinhas comprado um chapeu novo—diz a esposa tentadora ao marido.

Ele, saturado:

—Pois, minha filha, na próxima noite sonha que o puzeste e deixa-me em paz.